

LYNN SCHOFIELD CLARK, CARLOS JIMENEZ & BAYLEE SUSKIN

Lynn.Clark@du.edu; carlos.jimenez@du.edu; baylee.suskin@du.edu

UNIVERSITY OF DENVER, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

## LITERACIAS CÍVICO-MEDIÁTICAS

“March for Our Lives” (Marcha pelas Nossas Vidas), “The Sunrise Movement” (Movimento Nascer do Sol), “Dreamers” (Sonhadores), #NoDAPL e #BlackLivesMatter (#VidasNegrasImportam): cada um destes movimentos sociais dos EUA, cujo propósito era efetuar mudanças políticas, recebeu uma enorme força vinda das atividades de liderança dos jovens dos EUA, muitos dos quais eram jovens mulheres negras.

As histórias sobre estes movimentos tendem a focar-se em líderes individuais. Admiramos a sua tenacidade, a sua ingenuidade e a sua dedicação. Porém, como educadores, pais e jornalistas, precisamos de perguntar: como é que estes e outros jovens desenvolveram as competências necessárias para passarem de indivíduos preocupados a líderes de movimentos?

Responder a essa questão requer uma definição daquilo que queremos dizer quando falamos em *literacia cívico-mediática*.

Nas democracias ocidentais dos EUA, da Europa e da Austrália, a literacia cívica é genericamente entendida como o conhecimento que é necessário ter para participar na governação. A formação cívica nos EUA tem-se centrado em dar a conhecer aos jovens os ramos federal, judicial e legislativo do governo do país, principalmente através de programas escolares (ver, por exemplo, LeRose, 2019). Em tais programas, os jovens são encorajados a pensar sobre como irão agir como cidadãos individuais, no interior dessas instituições. Com um foco semelhante nas práticas individuais, a literacia para os média norte-americana tem sido entendida como “a capacidade de aceder, analisar, avaliar e criar média, numa variedade de formatos” (Aufderheide, 1992, s. p.).

Na América Latina, o conceito apresentado por Paulo Freire (Watts, Diemer & Voight, 2011) sobre *consciência crítica* oferece mais pistas relativamente à forma como a literacia cívica se desenvolve. Este conceito permitiu repensar também a literacia para os média.

A consciência crítica é baseada em ideias articuladas em primeiro lugar por Franz Fanon e Albert Memmi, os quais defenderam que o colonialismo criava sistemas de opressão colocados em prática através de políticas e práticas institucionais. Fanon defendeu que as populações marginalizadas por essas instituições tinham interiorizado essa opressão, o que contribuiu para uma ainda maior marginalização futura. Freire (2013) argumenta, assim, que a educação não deve ser uma extensão da cultura colonizadora. Ao invés, a educação deve ter um papel que permita às pessoas compreender as injustiças que moldam as suas experiências, para que possam descobrir a melhor forma de participar na transformação do seu mundo. O desenvolvimento de literacia cívica e para os média está, por isso, ligado à transformação pessoal e coletiva.

São necessárias três componentes de consciência crítica para possibilitar a participação política das populações marginalizadas: *reflexão crítica* – referente a uma análise sistemática e rejeição moral das desigualdades sociais; *eficácia política*, ou seja, ter uma capacidade percebida (pelo próprio) de participar na mudança social e política, através de ação individual ou coletiva; e *ação crítica* – relacionada com o envolvimento em ações para denunciar práticas ou políticas institucionais injustas (Watts et al., 2011). Freire (2013) defendeu que o envolvimento na reflexão e na ação são recíprocos; assinalou que as pessoas agem para mudar as suas condições quando se tornam conscientes da natureza injusta das mesmas e, simultaneamente, ao agirem à luz dessas injustiças, desenvolvem uma compreensão mais sofisticada da opressão estrutural.

A consciência crítica também se relaciona com a literacia para os média. Ao refletirem sobre representações estereotipadas nos média, os jovens desenvolvem uma compreensão crítica dos vieses na sociedade e nas próprias indústrias dos média, refletindo igualmente sobre as desigualdades sistémicas. Para além disso, uma utilização frequente de média digitais está associada a um envolvimento político *online* (Kahne, Lee & Feezell, 2012). Os jovens desenvolvem um sentimento de eficácia política e participam em ações críticas ao expressar os seus pontos de vista, ao participar em discussões e ao construir alianças através das redes sociais (Clark & Marchi, 2017; Jenkins, Shrestova, Gamber-Thompson, Kligler-Vilenchik & Zimmerman, 2016). A participação na criação e circulação de mensagens mediáticas é, então, entendida agora como um aspeto de competência comunicacional que é essencial para

a participação cívica e política (Cohen & Kahne, 2011; Dahlgren, 2009; Mihailidis, 2014).

Hoje em dia, a pobreza, as desigualdades, os efeitos das alterações climáticas e da degradação ambiental afetam um número muito considerável de pessoas por todo o mundo. Tais assuntos apenas serão resolvidos se as pessoas se manifestarem por eles, quer através da participação nas estruturas políticas existentes, quer através da construção de movimentos que desafiem essas estruturas e ofereçam alternativas às soluções por elas debatidas. A literacia cívico-mediática é, assim, mais bem definida como um processo comunicativo coletivo que estimula possibilidades de mudança e não como prática de indivíduos. “As lutas e sucessos dos direitos humanos... inspiram e conduzem o progresso” foi uma frase proferida pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, no Conselho da ONU para os Direitos Humanos, quando explicava o trabalho de Portugal para pôr fim ao regime ditatorial de António Salazar (Guterres, 2009). Quando a natureza injusta das condições existentes se torna clara no contexto de um grupo social, as pessoas estão dispostas a correr riscos e a agir.

Com as redes sociais, os jovens estão a aprender, a partilhar preocupações e a organizar-se para a ação. Todas as mulheres que lideraram os movimentos mencionados no início deste artigo trabalharam com equipas de jovens para expressar as suas visões e alavancar média, de modo a trazer mudança para as suas comunidades, incorporando as literacias cívica e para os média necessárias para a participação política contemporânea. Os seus esforços mostraram que saber como os sistemas políticos atuais funcionam pode ser importante, mas não é suficiente para o desenvolvimento de uma literacia cívica, da mesma forma que desenvolver competências em produção de informação e de média pode ser importante, mas também não é suficiente para o desenvolvimento de uma literacia para os média. O propósito fundamental das literacias cívica e para os média, assenta, assim, no modo como estas competências são exercidas em esforços coletivos para fazer e refazer os nossos sistemas e o nosso mundo.

Tradução: Raquel Lourenço (NOVA FCSH / ICNOVA, Portugal)

## REFERÊNCIAS

- Aufderheide, P. (1993). *Aspen Institute Report of the National Leadership Conference on Media Literacy*. Retirado de <https://www.medialit.org/reading-room/aspen-institute-report-national-leadership-conference-media-literacy>
- Clark, L. S. & Marchi, R. (2017). *Young people and the future of news*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108116015>
- Cohen, C. J. & Kahne, J. (2011). *Participatory politics: new media and youth political action*. Oakland, CA: Macarthur Foundation. Retirado de <http://ictlogy.net/bibliography/reports/projects.php?idp=2180&lang=es>
- Dahlgren, P. (2009). *Media and political engagement: citizens, communication and democracy (Communication, Society and Politics)*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Freire, P. (2013). *Education for critical consciousness*. Londres, Nova Iorque: Bloomsbury Academic.
- Guterres, A. (2019, 25 de fevereiro). Remarks to the Human Rights Council. Retirado de <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2019-02-25/remarks-the-human-rights-council>
- Jenkins, H., Shrestova, S., Gamber-Thompson, L., Kligler-Vilenchik, N. & Zimmerman, A. (2016). *By any media necessary*. Nova Iorque: New York University Press. Retirado de <http://nyupress.org/books/9781479899982/>
- Kahne, J., Lee, N.-J. & Feezell, J. T. (2012). Digital media literacy education and online civic and political participation. *International Journal of Communication*, 6, 24. Retirado de <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/999>
- LeRose, K. (2019, Autumn). West Virginia Supreme Court to hold civic education program docket in Morgan County. Retirado de [https://www.journal-news.net/journal-news/west-virginia-supreme-court-to-hold-civic-education-program-docket/article\\_13280e5f-f9d3-5faf-a10d-7a93a5133aa3.html](https://www.journal-news.net/journal-news/west-virginia-supreme-court-to-hold-civic-education-program-docket/article_13280e5f-f9d3-5faf-a10d-7a93a5133aa3.html)
- Mihailidis, P. (2014). *Media literacy and the emerging citizen: youth, engagement and participation in digital culture - Kindle edition by Paul Mihailidis. Politics & Social Sciences Kindle eBooks @ Amazon.com*. Nova Iorque: Peter Lang.

Watts, R. J., Diemer, M. A. & Voight, A. M. (2011). Critical consciousness: Current status and future directions. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 2011(134), 43–57. <https://doi.org/10.1002/cd.310>

Citação:

Clark, L. S., Jimenez, C. & Suskin. B. (2019). Literacias cívico-mediáticas. In M. J. Brites, I. Amaral & M. T. Silva (Eds.), *Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar* (pp. 81-85). Braga: CECS